

## **ENTRE LINHAS E LIMITES: DEFICIÊNCIA INTELECTUAL, EXCLUSÃO E ENVELHECIMENTO EM “FLORES PARA ALGERNON”**

### ***BETWEEN LINES AND LIMITS: INTELLECTUAL DISABILITY, EXCLUSION, AND AGING IN “FLOWERS FOR ALGERNON”***

Paulo Roberto Alves da Silva<sup>1</sup>  
Guilherme Faria de Siqueira<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

A obra “Flores para Algernon”, de Daniel Keyes, apresenta uma narrativa literária sensível e complexa sobre a trajetória de um homem com deficiência intelectual submetido a um experimento, que modifica, temporariamente, as suas habilidades cognitivas. O protagonista, Charlie Gordon, permite que o leitor acompanhe a sua transformação intelectual e emocional, expondo com profundidade as diferentes formas de exclusão que pessoas com deficiência enfrentam – desde o desprezo velado e a infantilização, até a supervalorização meritocrática da inteligência. A história também levanta reflexões importantes sobre como a sociedade lida com o declínio das capacidades cognitivas, traçando um paralelo simbólico com o processo de envelhecimento de pessoas com deficiência, grupo ainda pouco representado nas discussões acadêmicas, literárias e nas políticas públicas. Este trabalho, construído a partir de uma abordagem qualitativa e de leitura interdisciplinar, busca articular os campos da literatura, dos estudos da deficiência e da educação inclusiva, com o intuito de discutir as formas sutis e estruturais de exclusão que afetam esses sujeitos ao longo da vida. Ao tomar como eixo central a experiência do personagem, o estudo evidencia a necessidade urgente de práticas sociais, educacionais e políticas, que reconheçam a dignidade humana para além da produtividade, garantindo cuidado, escuta e pertencimento às pessoas com deficiência em todas as fases do desenvolvimento, com especial atenção à velhice, etapa marcada por múltiplas vulnerabilidades e ainda carente de reconhecimento.

**Palavras-chave:** Deficiência Intelectual. Envelhecimento. Capacitismo. Literatura e Inclusão. Educação Inclusiva.

#### **ABSTRACT**

The novel Flowers for Algernon by Daniel Keyes presents a sensitive and complex literary narrative about the life of a man with an intellectual disability who undergoes an experiment that temporarily enhances his cognitive abilities. The protagonist, Charlie Gordon, allows readers to follow his intellectual and emotional transformation, revealing the different forms of exclusion faced by people with disabilities, from veiled contempt and infantilization to the meritocratic overvaluation of intelligence. The story also raises important reflections on how society deals with the decline of cognitive abilities, drawing a symbolic parallel with the aging process of people with disabilities, a group still underrepresented in academic, literary, and public policy discussions.

---

1 Psicopedagogo na APAE de Lorena SP. E-mail: pauloalvesrobertosilva@gmail.com

2 Psicólogo na APAE de Lorena SP. E-mail: guifaria.com@gmail.com

This study, built through a qualitative and interdisciplinary reading approach, aims to connect the fields of literature, disability studies, and inclusive education in order to discuss the subtle and structural forms of exclusion that affect these individuals throughout their lives. By taking the protagonist's experience as the central axis, the research highlights the urgent need for social, educational, and political practices that recognize human dignity beyond productivity, ensuring care, listening, and belonging for people with disabilities at all stages of life, especially in old age – a stage marked by multiple vulnerabilities and still lacking recognition.

**Keywords:** Intellectual Disability. Aging. Ableism. Literature and Inclusion. Inclusive Education.

## INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno global, que avança de forma acelerada e desafia diferentes áreas do conhecimento. Segundo a cartilha “Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio”, elaborada pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), “a cada segundo, duas pessoas celebram seu sexagésimo aniversário no mundo – um total anual de quase 58 milhões de pessoas que atingem os 60 anos” (UNFPA, 2012, p. 7). Projeções indicam que a população idosa mundial – pessoas com 60 anos ou mais – passará de 962 milhões em 2017 para 2,1 bilhões em 2050 e 3,1 bilhões em 2100 (ONU, 2020). Diante desse cenário, torna-se urgente discutir as condições de vida, os direitos e os desafios enfrentados por grupos específicos dentro da população idosa, como as pessoas com deficiência intelectual.

Apesar da sua relevância, o tema do envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual ainda é pouco explorado nos campos acadêmico e literário. O romance “Flores para Algernon” (1959), de Daniel Keyes, oferece uma contribuição significativa ao abordar, de forma sensível e crítica, as experiências de exclusão, estigmatização e perda da autonomia intelectual. A trajetória de Charlie Gordon – da deficiência intelectual à elevação temporária de seu quociente de inteligência e, posteriormente, ao declínio cognitivo – reflete não apenas os estigmas sociais relacionados à capacidade intelectual, mas também suscita reflexões sobre o envelhecimento e a vulnerabilidade de sujeitos que historicamente ocupam posições marginais.

Neste estudo, propõe-se uma análise da obra “Flores para Algernon” articulada a dados e referenciais teóricos sobre o envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual. A literatura, ao dar visibilidade a essas narrativas, constitui-se como uma ferramenta potente para problematizar discursos normativos sobre inteligência, produtividade e pertencimento social ao longo do ciclo da vida.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

O objetivo geral deste estudo é analisar o envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual a partir do diálogo entre a obra “Flores para Algernon” e a literatura científica.

### **Objetivos específicos**

- a) a) investigar como a literatura científica aborda a temática da pessoa com deficiência na velhice;
- b) analisar o preconceito e a exclusão enfrentados pelo personagem principal da obra “Flores para Algernon” em diferentes fases da sua trajetória, evidenciando práticas capacitistas em contextos sociais, familiares, institucionais e de trabalho;
- c) estabelecer relações entre os elementos ficcionais presentes na obra com estudos da literatura acadêmica de pessoas com deficiência intelectual;
- d) compreender e refletir sobre os direitos das pessoas com deficiência no processo de envelhecimento.

## **METODOLOGIA**

Este estudo possui natureza qualitativa e adota como principal estratégia metodológica a revisão bibliográfica, com enfoque interpretativo. A abordagem qualitativa permite uma compreensão aprofundada dos significados construídos em torno do envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual, a partir da análise de discursos, experiências e representações sociais, sem a pretensão de quantificação ou generalização dos dados (Minayo, 2010). A revisão bibliográfica foi realizada pela seleção de livros, artigos científicos, documentos oficiais e relatórios institucionais, que tratam das temáticas de deficiência intelectual, envelhecimento e estigmatização social.

A análise interpretativa dos dados coletados na literatura se baseou nos princípios da hermenêutica crítica, buscando compreender os sentidos atribuídos aos fenômenos sociais pelo diálogo entre o texto e o contexto (Gadamer, 2000). Assim, a obra literária de Daniel Keyes foi utilizada como dispositivo narrativo que mobiliza reflexões sobre os estigmas sociais, a percepção da deficiência e os processos de exclusão vivenciados por pessoas com deficiência intelectual ao longo da vida, especialmente na velhice. A triangulação entre a produção literária, os dados empíricos das pesquisas oficiais (como IBGE, UNFPA e ONU) e os referenciais teóricos especializados permitiu uma leitura crítica e integrada dos conteúdos, respeitando os critérios de rigor metodológico e coerência com os objetivos do estudo.

O objetivo metodológico não se restringe à descrição, mas busca compreender e problematizar criticamente as representações simbólicas da deficiência e as estruturas que sustentam práticas de exclusão. Assim, o estudo combina literatura e teoria para construir uma análise ancorada na realidade social, respeitando o rigor acadêmico e ético exigido em pesquisas da área.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em 2019, o Brasil registrava 17,3 milhões de pessoas com deficiência, sendo que quase metade (49,4%) tinha 60 anos ou mais, enquadrando-se na faixa etária idosa. Ao considerar a população total por grupos etários, observa-se que cerca de um em cada quatro idosos (24,8%) possuía algum tipo de deficiência (IBGE, 2021). Nesse contexto, Nogueira e Binoto (2015) destacam que a atuação com adultos com deficiência intelectual ainda apresenta diversos desafios, especialmente porque muitos ainda adotam uma abordagem infantilizada, desconsiderando a fase adulta desses sujeitos. Segundo Suplino (2011, apud Nogueira; Binoto, 2015), essa perspectiva é sustentada pela ideia de “idade mental”, o que leva a práticas limitantes por parte de familiares, profissionais e demais agentes sociais, restringindo a plena participação dessas pessoas em diferentes contextos.

A partir da análise da obra “Flores para Algernon”, de Daniel Keyes (2004), é possível identificar diversas camadas de exclusão, preconceito e negação de direitos que historicamente afetam pessoas com deficiência intelectual. A seguir, a discussão será organizada em quatro eixos temáticos, que articulam elementos centrais do enredo com dados e referenciais teóricos contemporâneos.

### **A Inteligência como Critério de Valor Social**

Charlie Gordon, protagonista da narrativa, é constantemente julgado pela sua capacidade intelectual. Antes da cirurgia experimental, a sua deficiência o torna alvo de zombarias, infantilização e marginalizações veladas, mesmo em ambientes supostamente protetores, como o local de trabalho. Essa realidade literária dialoga diretamente com o modelo social da deficiência, que denuncia como as barreiras atitudinais e estruturais da sociedade produzem o “deficiente” (Oliver, 1990).

O entendimento da inteligência como valor social intrínseco contribui para a exclusão de sujeitos cujas capacidades cognitivas não correspondem aos padrões normativos. Segundo Mantoan (2006), a lógica da normalização escolar e social desvaloriza a diversidade humana, promovendo processos de segregação baseados na ideia de competência.

### **A Medicinalização e a Promessa da “Cura”**

A cirurgia cerebral a que Charlie é submetido expressa simbolicamente a medicalização da deficiência, compreendida como um problema individual a ser corrigido. Essa visão, ainda presente em diversas práticas clínicas e educacionais, contraria os princípios de uma abordagem inclusiva, que valoriza a convivência com a diferença em vez da sua eliminação (Mitchell; Snyder, 2006).

A obsessão pela cura, reforçada pela expectativa de melhoria cognitiva, desloca a discussão do direito à inclusão para o campo da performance e do rendimento. Segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), o foco deve recuar sobre a eliminação das barreiras e não sobre a transformação da pessoa para que ela se adeque às exigências da sociedade.

### **O Preconceito Internalizado e a Autoexclusão**

Com o aumento da sua inteligência, Charlie passa a perceber a discriminação que sofria, o que gera sofrimento psicológico e o leva a experimentar formas de autoexclusão. Essa experiência remete ao conceito de capacitismo internalizado, definido por Campbell (2009)

como a internalização de valores sociais que colocam a deficiência como sinônimo de fracasso ou inadequação.

É importante destacar que esse fenômeno é comum entre pessoas com deficiência, que têm certo grau de consciência crítica sobre a sua condição em uma sociedade capacitista. O resultado é a oscilação entre o desejo de pertencimento e o sentimento de inadequação, como evidenciado na trajetória emocional do protagonista.

### **Declínio Cognitivo e Invisibilização no Envelhecimento**

A fase final do romance, em que Charlie retorna progressivamente ao estado anterior, pode ser interpretada como uma metáfora do envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual, processo ainda negligenciado nas políticas públicas. Segundo Maia e Nascimento (2021), o avanço da idade entre essa população está associado a riscos crescentes de institucionalização, negligência e perda de autonomia, em função do preconceito e da ausência de redes de apoio.

A invisibilidade dessa etapa da vida reforça o estigma de que a deficiência é uma condição exclusivamente infantil. Conforme Silva e Martins (2019), a interseção entre envelhecimento e deficiência desafia os modelos tradicionais de cuidado, exigindo práticas que respeitem a trajetória individual e os direitos adquiridos ao longo da vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra “Flores para Algernon”, de Daniel Keyes (2004), ultrapassa os contornos da ficção científica e adentra os campos da crítica social, oferecendo uma narrativa densa sobre os limites impostos socialmente àqueles que não se enquadram nas normativas da produtividade, da autonomia e da funcionalidade cognitiva. Ao acompanhar o percurso de Charlie Gordon – antes, durante e após o experimento que eleva sua capacidade intelectual –, o leitor é convidado a refletir sobre os mecanismos de exclusão estrutural e simbólica, que operam tanto sobre a deficiência quanto sobre o envelhecimento.

A análise empreendida nesta pesquisa revela que o romance expõe de forma sensível as múltiplas formas de preconceito que atravessam o cotidiano da pessoa com deficiência intelectual. Mais do que a limitação em si, é o olhar social que inferioriza, infantiliza e marginaliza o sujeito. A trajetória de Charlie evidencia como a valorização do indivíduo está diretamente associada ao desempenho funcional e como a sua “queda” cognitiva é recebida com indiferença ou pena, revelando o quanto o reconhecimento social é condicionado à produtividade.

Esse processo de declínio experimentado por Charlie serve, nesta análise, como metáfora potente para discutir a invisibilização da velhice no contexto da deficiência intelectual. A literatura nacional e internacional, bem como as políticas públicas, ainda falha em reconhecer a complexidade e os direitos dessa população no processo de envelhecimento. O cruzamento entre capacitismo e etarismo – isso é, a discriminação simultânea por deficiência e idade – intensifica a exclusão, tornando essas pessoas ainda mais vulneráveis à negligência institucional, ao isolamento social e à negação da autonomia.

Dessa forma, “Flores para Algernon” se torna uma ferramenta crítica, que permite questionar o lugar social reservado àqueles que fogem ao ideal normativo de inteligência e funcionalidade. Ao propor uma leitura interdisciplinar da obra, ancorada nos Estudos da Deficiência, na bioética e na educação inclusiva, esta pesquisa contribui para a ampliação do debate sobre os direitos das pessoas com deficiência intelectual em todas as fases da vida, em especial na velhice – fase muitas vezes desconsiderada nas políticas públicas.

Por fim, destaca-se o papel fundamental da literatura como dispositivo de formação crítica, capaz de sensibilizar leitores e provocar rupturas nos discursos normativos. A partir da ficção, é possível acionar reflexões profundas sobre justiça social, equidade e dignidade humana. Assim, reforça-se a necessidade de práticas inclusivas, intersetoriais e contínuas, que garantam o pleno exercício da cidadania às pessoas com deficiência, independentemente da fase da vida em que se encontrem.

## REFERÊNCIAS

- BEAUCHAMP, Tom L.; CHILDRESS, James F. Princípios de Ética Biomédica. São Paulo: Loyola, 2013.
- BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. Índice de Inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação nas escolas. Brasília: UNESCO, 2002.
- FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNFPA). Envelhecimento no século XXI: celebração e desafio. Nova York: UNFPA, 2012. Disponível em: [https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/AgeingReport\\_Exec\\_Summary\\_Portuguese.pdf](https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/AgeingReport_Exec_Summary_Portuguese.pdf). Acesso em: 3 ago. 2025.
- GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método. Petrópolis: Vozes, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Um em cada quatro idosos tinha algum tipo de deficiência em 2019. Agência de Notícias do IBGE, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31447-um-em-cada-quatro-idosos-tinha-algun-tipo-de-deficiencia-em-2019>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- KEYES, Daniel. Flores para Algernon. Rio de Janeiro: Aleph, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- MITCHELL, David T.; SNYDER, Sharon L. Cultural Locations of Disability. Chicago: University of Chicago Press, 2006.
- NOGUEIRA, Eliane de Fátima Trevisan; BINOTO, Ana Paula Damasceno. Envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual na perspectiva do currículo funcional natural. Revista Apae Ciência, Brasília, DF, v. 5, n. 2, p. 53-57, dez. 2015. Disponível em: <https://apaeciencia.org.br/index.php/revista/article/view/74>. Acesso em: 3 ago. 2025.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). World Population Ageing 2020 Highlights: Living arrangements of older persons. Nova York: United Nations, 2020. Disponível em: [https://www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/undesapd-2020\\_world\\_population\\_ageing\\_highlights.pdf](https://www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/undesapd-2020_world_population_ageing_highlights.pdf). Acesso em: 3 ago. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Nova York: ONU, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). World report on ageing and health. Geneva: WHO, 2021.

SUPLINO, Ana Maria. O envelhecimento da pessoa com deficiência. In: NOGUEIRA, Eliane de Fátima Trevisan; BINOTO, Ana Paula Damasceno (orgs.). Pessoas com deficiência intelectual: contextos, desafios e superações. Brasília: APAE/FENAPAES, 2011. p. 103-116